

Do Nome do Pai (NP) ao Inominado (S(A)): Apontamentos

From The Name of The Father (NP) to Nameless (S (A)): Notes

Denise Maurano ¹

Resumo

Partindo da formulação lacaniana do conceito de Nome do Pai, presente em seu escrito *Função e campo da palavra e da linguagem* de 1953, enquanto instância simbólica inscrita no campo do Outro e ancoradouro da identificação subjetiva, averiguaremos os seus desdobramentos em sua obra pela via da pluralização desse Nome, questão introduzida por Lacan em *Os Nomes do Pai* de 1963, até chegarmos ao seu desenvolvimento da noção taoista de Inominado - Sem Nome - presente em seu Seminário 20 de 1972/73 e no Seminário R.S.I. de 1974-75, referindo, paradoxalmente, a falta-a-Ser, S(A), significante da falta no campo do Outro, como fundamento subjetivo. Por essa perspectiva, buscaremos indicar o deslocamento da prevalência do registro simbólico para a referência à teoria dos nós, mediante uma nova definição de Real, abordando suas consequências para clínica psicanalítica e para a inserção da psicanálise na cultura.

Palavras-chave: Nome do Pai; inominado; real.

Abstract

We investigate the consequences in Lacan's work considering the pluralization of the Name of the Father from the formulation of the concept of Lacanian Name of the Father in his text of 1953 *The function and field of speech and language*, while symbolic instance entered in the Other's field and anchorage of subjective identification, i.e., from the issue that was introduced by Lacan in the Name of the Father, 1963, until we get to his development of the concept of Taoist Nameless present in his 20th Seminar of 1972/73 and the RSI Seminar of 1974-75, referring paradoxically, lack-to-Be, S (A), lack of significant in the field of the Other, as a subject foundation. From this perspective, we try to indicate the displacement of the prevalence of symbolic register to the reference of the theory of knots, through a new definition of Real, discussing its implications for psychoanalytic treatment and for the insertion of psychoanalysis in culture.

Keywords: Name of the Father; unnamed; real.

Recebido em 11 de outubro de 2012
Aprovado em 22 de novembro de 2012
Publicado em 28 de dezembro de 2012

DO NOME DO PAI (NP) AO INOMINADO (S(A))

Não é necessário se ter muito percurso na teorização psicanalítica para logo se aperceber do lugar central ocupado pela relação do pai com a lei na organização do psiquismo. O chamado Complexo de Édipo, que é o nome que se dá ao conjunto de sentimentos e representações, sobretudo inconscientes, em relação aos pais e à função que lhes é devida, organiza a subjetividade de cada um, marcando seus afetos e vindo a ser substituído pelas identificações, tem por finalidade estabelecer os marcos fundamentais da relação do sujeito com a cultura e portanto, com a lei, via a proibição do incesto e do parricídio.

Em 1938, Lacan escreve para uma Enciclopédia Francesa, um primeiro grande texto, depois de ter escrito sua tese, era ele, *Os Complexos Familiares na formação do indivíduo*, cujo título sofreu uma triste simplificação para *A família*. Alteração, muito mal vinda, já que não era com a questão propriamente da família que Lacan estava ocupado. Além de já estar claro para ele que a família não é um fato natural, nem biológico e que os instintos não cabiam para se pensar a questão; na verdade, a própria questão sociológica da abordagem da família mascarava o que estava em jogo prioritariamente, ou seja, a sujeição ao Outro. Importa para ele a prevalência da cultura frente ao mundo natural, em tudo o que diga respeito ao homem. (Lacan, 2001)

Essa sujeição ao Outro, foi abordada via a dinâmica operante no chamado Complexo de Édipo, tomando-o como correlativo da estrutura social, e creditando à “imagem do pai” a função de repressão e de promoção da sublimação. Esse termo, imagem, também utilizado por Sigmund Freud, foi introduzido por Carl Gustav Jung em 1911 para designar o modo como a representação do pai ou da mãe se fixam no inconsciente, orientando posteriormente a conduta e o modo como o sujeito apreende seus semelhantes.

Lacan, nesse mesmo texto, remete a neurose contemporânea do homem moderno e mesmo a própria emergência da psicanálise ao declínio da imagem paterna:

Não somos os que se afligem com um pretenso afrouxamento do laço familiar. (...) Mas um grande número de efeitos psicológicos nos parecem decorrer de um efeito social do declínio da imagem paterna. Declínio condicionado pelo retorno sobre o indivíduo de efeitos externos do progresso social, declínio que marca, sobretudo, nos dias de hoje nas coletividades mais postas à prova por esses efeitos: concentração econômica, catástrofes políticas. (...) Seja qual for o seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez se deva referir a essa crise o aparecimento da própria psicanálise. O sublime acaso do gênio, talvez não explique sozinho que tenha sido em Viena (...) que um filho do patriarca judeu tenha imaginado o Complexo de Édipo. Seja como for, são as forma de neurose dominantes no final do século que revelaram que eram intimamente dependentes das condições das famílias. (Lacan, 2001, p. 60-61) (Livre tradução da autora)

O jovem psiquiatra e psicanalista Jacques Lacan encontra-se aí num momento precursor de tudo que virá a construir posteriormente, antes mesmo de seus estudos sobre o Estruturalismo e sobre a Linguística, embora a ideia de “complexo” já acene para a ideia de estrutura, como se o complexo fosse, de certa forma, uma pré-estrutura que se opõem à noção de instinto. (Miller, 2012) O complexo aparece como atuando como uma forma fixada que se impõe no desenvolvimento, a partir da qual uma certa atividade se expressa convocando a reiteração de alguns comportamentos e emoções, indicando fixações de origem diante de certas experiências, repetindo as-

sim, realidades fixadas. Nessa perspectiva, já podemos ver algo do estatuto do significante em andamento, por mais que a tônica desse trabalho não tenha sido, nesse momento, de situar o complexo como uma operação inconsciente.

Cabe ressaltar, entretanto, que a percepção de uma divisão entre o eu e o sujeito, alertando para o estatuto narcísico do eu, já se coloca em suas elaborações. O sujeito aparece como dividido. Em 1936, Lacan já havia feito sua primeira comunicação diante da comunidade analítica em Marienbad, “O estágio do espelho”, que lhe serviu posteriormente para se insurgir contra a onda da Psicologia do Eu (*egopsychology*) que prosperou nos Estados Unidos a partir de 1945. (Lacan, 1971a)

Do mesmo modo, o conceito de simbólico não se faz presente nesse texto, bem como os conceitos de metáfora e metonímia, porém não falta a dimensão na qual o social para o humano toma a forma de cultura. Essa valorização da cultura, em relação à natureza, já acena para o que virá a constituir como registro simbólico. Trata da cultura remanejando a natureza, alijando a função primordial que o instinto tem nessa última, pela via de um isolamento da função paterna, como um exemplo de uma função não dedutível da natureza. Afinal, o que é um pai, no mundo natural? Disso decorre também - da complexidade das relações de parentesco com os modos de organização da autoridade familiar e das leis de herança e transmissão - os conceitos de dependência e parentesco. E, tudo isso, num momento ainda anterior ao do seu encontro com Lévi-Strauss.

O encontro com Lévi-Strauss é coroado com o texto *O mito individual do neurótico*, bem como com o texto *Função e campo da palavra e da linguagem na psicanálise*, ambos de 1953, quando para Lacan fica claro que a causalidade simbólica se impõe sobre a causalidade psíquica das imagens. (JORGE, 2012², Lacan, 1971b) É nesse

contexto que ele introduz o conceito **Nome do Pai**. O sistema primordial do significante se revela para ele como uma função fundadora do sujeito que se constitui num campo chamado lugar do Outro no qual se inscrevem as marcas mnêmicas que Freud nomeia como inconsciente e que determinam a estrutura do sujeito. (Lacan, 2008)

O Outro, introduzido com maiúscula por Lacan em 1955, precisamente no seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, fica, portanto, como o lugar da memória inconsciente, cujas leis são distintas das que regulam as lembranças imaginárias. (Lacan, 1978) É nele que se inscreve o *Nome do Pai*, conceito que propositalmente traz um equívoco religioso, que fica bastante claro no comentário de Coutinho Jorge: “Para a psicanálise, ao invés de Deus ser o pai, o pai é que é Deus”. (Jorge, 2011, comentário oral) Essa torção nos interessa sobremaneira porque, ao mesmo tempo, que evidencia o caráter de garantia da ordem simbólica - creditado ao conceito tomado como fundamento da lei para o sujeito, mostra que se essa lei habita o domínio do intangível, chamado de Deus. Estamos, então, bastante descalços em matéria de garantia de certezas. Afinal, como li certa feita em Lacan, numa discussão sobre o ateísmo da psicanálise, a única coisa que um psicanalista pode dizer, acerca da existência de Deus, é que ele não sabe.

A nomeação do pai é uma função significativa, dado que nunca se sabe quem é o pai, efetivamente, na natureza. Chega-se, no máximo, a se saber quem não o é. E não se trata apenas dessa incerteza, mas também da fragilidade de todo e qualquer pai encarnado diante da grandeza do que lhe é demandado deixar como recurso a fé. A conotação religiosa do Nome do Pai implica esta referência à fé. O que temos aí é que essa ausência se marca através de uma representação. É para caracterizar isso que Lacan, em 1957 no seminário *As relações de objeto*, vai desenvolver o conceito de metáfora paterna.

Diante da situação primordial de fusão, de indiferenciação, que o *infans* experimenta para com o que é responsável por seus cuidados (a mãe em geral), dado o seu despreparo para dar conta da vida, uma mediação simbólica vem se estabelecer - pela interdição provocada pela intervenção Nome do Pai - proporcionando uma resposta no campo da linguagem que tira a criança da condição de "coisa materna". Por essa direção, a triangulação creditada ao chamado Complexo de Édipo esquadriinha-se como uma estrutura social, possibilitando, na melhor das hipóteses o que Lacan chama de normalização sexual. Ou seja, a possibilidade de organização de referências identificatórias que permitam um posicionamento subjetivo, no qual a significação fálica possa operar para que, com isso, as escolhas de objeto possam ser feitas. Nessa função de intermediação o Nome do Pai - que em francês, soa também como Não do Pai (*Non du Père*) - esse não aparece como ligado à interdição de que a mãe goze do filho e de que o desejo do filho reste aí, cativo. De modo que, com isso, o exercício do desejo encontra-se na dependência da renúncia ao objeto primordial do gozo. (Lacan, 1986)

Toda essa dinâmica bastaria se, no desenvolvimento de sua investigação, Lacan não constatasse que o sintoma - enquanto metáfora do Nome do Pai. Ou seja, como intervenção reguladora daquilo que claudicou nessa função - não se resolve por inteiro no campo da linguagem. Freud já havia observado isso, constatando a reação terapêutica negativa e a compulsão a repetição que o levaram a propor a existência de uma pulsão de morte, percebendo assim os limites da interpretação, ou seja, os limites da incidência da linguagem na organização do psiquismo.

Lacan reconhece nisso, algo de uma natureza distinta do significante: o gozo, que nessas condições se situa como fazendo limite, revelando como barrado o Outro da linguagem, - o que ele paradoxalmente

nomeia como S(A): significante da falta no campo do Outro. Assim, "o gozo participa na estruturação do sintoma tanto como a metáfora significante surgida do discurso do Outro". (Maleval, 2009, p.90) Há um limite em nossa capacidade de metaforizar. Há um inarticulável na verdade última do desejo já que o Outro é incompleto. (Lacan, 1972, Inédito) Aliás, só há sujeito desejante se, em sua divisão, ele se subtrai do lugar do Outro, o seja, o limita em sua completude. E é por esse significante, que é exterior ao Outro S(A), porém conectado com ele, que o ato da enunciação pode ser apropriado por um sujeito, a partir desse nada de sentido e por quê não dizer desse sem nome. Como nos diz Maleval (2009), no rastro de Lacan:

Nenhuma linguagem permite articular toda a verdade. Não há Outro do Outro. Todo enunciado de autoridade possui como única garantia sua própria enunciação. Baseia-se em uma aposta indizível que a mobilização do significante se esforça em mascarar. Todo aquele que pretende erigir a lei se sustenta unicamente em uma impostura. Está justificado considerar S(A) como um matema do Nome do Pai, na medida em que a ordem simbólica demonstra estar articulada em torno de um buraco. (p. 91)

Na impossibilidade de nos aprofundarmos sobre isso nesse contexto, realizaremos um salto para encontramos o Lacan de 1963, com o seminário relâmpago *Os Nomes do Pai*, indicando nessa pluralização que se o Outro é incompleto, o Pai, não pode ser concebido como UM universal. O que evidentemente suscita angústia, efeito do gozo presente no intervalo entre os significantes. Daí a elaboração, nesse mesmo ano, de seu seminário sobre a Angústia e a menção ao objeto que lhe é correlativo, o objeto a. Esse objeto caído da suposta plenitude do Outro implica uma exigência de renúncia ao gozo que deverá ser transmi-

tida para que se estabeleça a lei do desejo. Isso aparece num comentário posterior de Lacan acerca do seminário relâmpago:

Na tradição judia, como pude enuncia-lo no ano em que só quis fazer meu seminário sobre os Nomes do Pai, apesar de tudo tive tempo de destacar que no sacrifício de Abraão, o sacrificado é efetivamente, o pai, que não é senão, um cordeiro. (Lacan citado por Maleval, 2009, p.99)

Assim, se tomamos Deus pelo Outro, ao próprio Deus falta algo. Aliás, se não faltasse não haveria necessidade de tantas oferendas “sacrificiais” presentes nos cultos religiosos. O que leva a conclusão de que o Nome do Pai, só garante a incompletude. O que o transporta do campo simbólico à obscuridade do real, colocando-se como início de resposta ao buraco no campo do Outro, reposta ao sacrifício de gozo.

Nesse período, como podemos ler na biografia escrita por Roudinesco (1994), Lacan, de olho no Oriente, interessou-se pelo estudo do chinês e nesse mesmo ano de 1963, faz sua primeira viagem ao Japão. Esse interesse parece ter tomado grandes proporções, conforme Terêncio (2011) nos faz notar em seu livro *Um percurso psicanalítico pela mística de Freud a Lacan*, e isso me interessa ressaltar em nosso endereçamento ao Inominado. Entre os anos de 1969 a 1973, Lacan estudou, semanalmente com o filósofo e poeta chinês François Cheng, o clássico taoista *Tao Te Ching* – Livro do Caminho e da Virtude de Lao Tzu, do século V a. C. E quando o filósofo interrompeu esse trabalho, Lacan que se encontrava não por acaso, na formalização da tópica do Real, Simbólico e Imaginário, buscando uma nova definição do real, disse: -“Mas o que vai ser de mim?”(Lacan citado por Roudinesco, 1994, p.353)

Parece que agora a questão era efetivamente a de como transmitir o inefável, aprofundando, com isso, a questão da éti-

ca da psicanálise como voltada não para ideais mas para o real da precariedade das garantias humanas, questão já despontada em seu seminário com esse mesmo título em 1960. Nessa perspectiva, o encontro com o taoismo foi um achado. Afinal o *Tao*, que segundo Lao -Tzu, melhor se designaria como o Inominado, é vazio em sua natureza. Como sublinha Terêncio (2011), é o modo como os chineses concebiam a criação e a marcha do universo. Diz respeito ao caminho, implica a ordem da vida, mas também a ordem da palavra. (p. 160/161) Relaciona o que se encontra no real - sem Nome e sem Desejo, origem das coisas - com o que tem nome e desejo e implica a criação, a palavra e a existência de representações simbólicas e imaginárias. Assim, o vazio de que se trata no *Tao*, é um vazio vivificante, dele se origina o sopro do Nome e do Desejo, ou seja, o sopro da existência, do dinamismo e da inconstância.

A relação indicada com o que pudemos elaborar acerca do S(A), não é aqui mera coincidência. O significante da falta no campo do Outro vem indicar um limite ao que se pode esperar da linguagem que, no entanto, não exclui a importância desta. Se a psicanálise parte da referência ao pai, a teorização dela advinda no esteio do trabalho clínico revelou a dimensão do aquém e além do mito do pai, e de todas as garantias buscadas pela construção simbólica e imaginária, embora não possamos delas preterir. Certamente, depois disso, não se pode dizer que a relação com a verdade, com a religião e com a fé sejam as mesmas. É necessário se dar espaço ao vazio, com instrumentos para contorná-lo. E não é o que a arte faz? Mais propriamente, não é o que a música faz ao nos sensibilizar para participarmos do inaudível? Afinal, há que se constituir um jogo entre o peso da lei e a leveza da música. Não há um sem o outro. Finalizo, portanto, chamando atenção para o que Alain-Didier Weill propõe como misticismo trágico, no brilhante prefácio intitulado S(A) que ele escreveu para meu

livro *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise*; e que muito me inspirou no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- Weill, A.-D. (2001). S(A). In: Maurano, D. (2001). *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed./Ed. UFJF.
- Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans La formations de l'individu. In: *Autres écrits*. Paris : Seuil. (Original de 1938).
- _____. (1971a.) O estádio do espelho In: *Écrits I*. Paris: Seuil. (Original de 1936).
- _____. (1971b.) Função e campo da palavra e da linguagem In: *Écrits I*. Paris: Seuil.(Original de 1953).
- _____. (2008). *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1936).
- _____. (1978). *O Seminário, Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1955).
- _____. (1986). *O Seminário, Livro 4. As relações de objeto*. RJ: Jorge Zahar Editor. (Original de 1957).
- _____. (1982). *O Seminário, Livro 20. Mais ainda*. RJ: Jorge Zahar Editor. (Original de 1973).
- _____. (2008). *O mito individual do neurótico* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1953).
- _____. (Inédito). R.S.I. Paris. (Original de 1974 e 1975).
- _____. (2005). *Os Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1963).
- Maleval, J.C. (2009). *La forclusion del Nombre del Padre*. Buenos Aires : Paidós.
- Miller, J. A. (2012). *Leitura crítica dos Complexos Familiares. Opção Lacaniana on line*. Recuperado em 8 de Julho de 2012. <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf>.
- Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Terêncio, M. G. (2011). *Um percurso psicanalítico pela mística de Freud a Lacan*. Florianópolis: Ed. UFSC.

¹ Psicanalista Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. Professora da Associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rua São Manuel, 31. Botafogo. Rio de Janeiro-RJ. CEP 22290-010. e-mail: dmaurano@corpofreudiano.com.br

² Comentário oral realizado no Grupo de Estudos dos Membros da Seção Rio acerca da leitura do texto *La forclusion Del Nombre Del Padre de Jean Claude Maleval*. Rio de Janeiro, abril de 2012.